

**Das dificuldades à realização:
memórias de uma vida de lutas e conquistas**
Memorial Descritivo (1978-2022)

SÉRGIO DIAS DE AZEVEDO*

Resumo: Este memorial descritivo narra as dificuldades e conquistas enfrentadas pelo autor em sua jornada de vida entre 1978 e 2022. A narrativa explora os impactos do "complexo de vira-lata", abordando as influências socioeconômicas, o trabalho infantil e a falta de acesso à educação formal na infância e adolescência. Posteriormente, o texto discute as oportunidades que surgiram através do serviço militar e da educação continuada, além do papel crucial de figuras inspiradoras no apoio ao crescimento pessoal e profissional. O relato conclui destacando a importância da educação e da perseverança como caminhos para a superação das adversidades.

Palavras-chave: compliance; ProfEPT; superação pessoal; trajetória educacional.

From difficulties to accomplishments: memories of a life of struggles and achievement – Descriptive Memorial (1978-2022)

Abstract: This descriptive memorial narrates the difficulties and achievements faced by an individual throughout their life journey between 1978 and 2022. The narrative explores the impacts of the "inferiority complex," addressing socio-economic influences, child labor, and the lack of access to formal education during childhood and adolescence. Subsequently, the text discusses the opportunities that arose through military service and continued education, as well as the crucial role of inspiring figures in supporting personal and professional growth. The account concludes by highlighting the importance of education and perseverance as key paths to overcoming adversity.

Key words: compliance; ProfEPT; personal resilience; educational trajectory.



* **SÉRGIO DIAS DE AZEVEDO** é professor de História na Secretaria Municipal de Educação de Valparaíso de Goiás. Mestre em Educação Profissional e Tecnológica pelo Instituto Federal de Brasília (IFB).

Introdução

A narrativa apresentada neste memorial descritivo busca retratar as vivências de uma pessoa que enfrentou múltiplos desafios desde a infância até a vida adulta. No decorrer dos anos, lidei com o complexo de inferioridade, conhecido como "complexo de vira-lata", além das adversidades impostas pela desigualdade social, o trabalho infantil e a necessidade de sustentar-se desde cedo. Neste texto, traçado as memórias de uma vida de lutas, com o objetivo de refletir sobre as dificuldades e as conquistas que foram alcançadas, analisando as influências familiares, sociais e educacionais que moldaram a trajetória do autor.

A primeira infância e o complexo de vira-lata

Certa vez, conversando com meu pai, perguntei sobre sua história com minha mãe, como se conheceram, entre outros detalhes. Antes de narrar o que ele me contou, gostaria de falar um pouco sobre eles. Minha mãe, paraibana de poucos estudos, migrou para Brasília na década de 1970. Mal sabia escrever o nome e dividia aluguel com uma tia; ambas vieram em busca de oportunidades de trabalho. Meu pai, também com pouca educação formal, sabia reconhecer sílabas e aprendeu a escrever seu nome completo. Ele migrou do Rio Grande do Norte na mesma década, onde os irmãos mais velhos já tinham conseguido emprego e moravam em um barraco de madeira com minha avó.

Lembro-me como se fosse ontem do momento em que perguntei a ele sobre sua história com minha mãe. Ele estava me visitando, e nós estávamos na sacada do apartamento, admirando o pôr do sol. Meu pai afirmou que era muito "mulherengo" e não se preocupava com os estudos, pois já havia aprendido uma

profissão — pintor de residências. Não teve muitas oportunidades na vida e queria apenas trabalhar para gastar seu dinheiro em "farra, mulheres e bebidas". Certa noite, em um bar, conheceu a tia de minha mãe e começaram a flertar. Dias depois, conheceu minha mãe. Eles se relacionaram apenas por uma noite, e dessa noite de amor minha mãe engravidou. Quando ela contou a ele sobre a gravidez, meu pai não queria assumir a paternidade. No entanto, minha avó, mãe dele, insistiu que ele assumisse, pois conhecia a situação de vulnerabilidade em que minha mãe se encontrava.

Ao ouvir o relato do meu pai, o sentimento que tive foi um "complexo de vira-lata", expressão usada pelo escritor brasileiro Nelson Rodrigues durante a Copa do Mundo de 1950, quando a seleção brasileira foi derrotada pelo Uruguai. Senti-me rejeitado e inferiorizado, mas também procurei me colocar no lugar deles. Pensei na vida sofrida que tiveram, nos relatos de fome, na pouca instrução e na falta de condições financeiras para dividir uma vida a dois, e como seria difícil com uma criança não planejada. Olhei fixamente para ele e perguntei como estava se sentindo. Foi então que percebi as lágrimas correndo por seu rosto, e a única frase que saiu de sua boca foi: "Eu te amo, meu filho."

A primeira infância é uma fase crucial para o desenvolvimento humano, como destaca (Vygotsky, 2001), ele argumenta que o ambiente e as interações sociais desempenham papéis fundamentais no desenvolvimento cognitivo e emocional da criança. Segundo (Vygotsky, 2001), as experiências vividas nos primeiros anos de vida influenciam profundamente a formação do indivíduo e sua percepção de si mesmo, sendo os fatores sociais e culturais determinantes para o

desenvolvimento das funções mentais superiores. Nesse contexto, a história de vida conturbada e as dificuldades enfrentadas na infância, como os sentimentos de rejeição e a falta de estabilidade, podem ter um impacto duradouro no desenvolvimento psicológico e na autoestima. Essas adversidades são reforçadas pela herança de um "complexo de vira-lata", o que agrava ainda mais o sentimento de desvalorização pessoal.

O sociólogo Jessé Souza também aborda essa questão, afirmando que o "complexo de vira-lata" está enraizado nas desigualdades sociais e nas heranças históricas que marcaram a sociedade brasileira, como o racismo, a exclusão social e a falta de oportunidades. Para Souza, essas condições estruturais reforçam a sensação de inferioridade e geram cicatrizes emocionais e identitárias que afetam tanto a autoestima individual quanto a coletiva. No caso narrado, a história de vida dos pais, marcada por privação e exclusão, contribui para o sentimento de desvalorização que foi herdado e internalizado na infância, influenciando as percepções de si mesmo e do próprio valor.

O "complexo de vira-lata" citado por Nelson Rodrigues refere-se a um sentimento de inferioridade e insegurança coletiva, muitas vezes presente na identidade brasileira. Segundo o autor, essa percepção de ser "menor" ou "menos capaz" que os outros é resultado de experiências históricas de fracasso e desvalorização, como a derrota na final da Copa de 1950, que serviu como um símbolo desse sentimento de desmerecimento. Esse complexo não se restringe ao futebol, mas pode ser percebido em vários aspectos da sociedade, como na falta de confiança nas instituições e nas

habilidades individuais. Na narrativa familiar aqui apresentada, a experiência de rejeição e as dificuldades enfrentadas pelos pais evidenciam a internalização desse complexo, que se manifesta em uma percepção de desvalorização pessoal e falta de pertencimento.

Para tal, (Souza, 2006) também aborda essa questão, afirmando que o "complexo de vira-lata" está enraizado nas desigualdades sociais e nas heranças históricas que marcaram a sociedade brasileira, como o racismo, a exclusão social e a falta de oportunidades. Para Souza, essas condições estruturais reforçam a sensação de inferioridade e geram cicatrizes emocionais e identitárias que afetam tanto a autoestima individual quanto a coletiva. No caso narrado, a história de vida dos pais, marcada por privação e exclusão, contribui para o sentimento de desvalorização que foi herdado e internalizado na infância, influenciando as percepções de si mesmo e do próprio valor.

O trabalho infantil e a defasagem no processo educativo

Meus pais, após seis anos de união, decidiram se separar. Morávamos em uma chácara muito humilde, sem água encanada e sem energia elétrica. Próximo à chácara, viviam alguns carroceiros que tinham cavalos lindos e assustadores; eu tinha medo deles porque me disseram que mordiam e davam coice.

A escola ficava longe, a cerca de cinco quilômetros, e eu tinha que ir caminhando sozinho. Com a separação dos meus pais, acabei ficando sem estudar por alguns meses, logo no primeiro ano do ensino fundamental. Esse período foi complicado, pois meus pais me deixaram na casa de minha avó

paterna, que morava com um tio meu que não queria criança por lá. Ainda assim, morei com ela por seis meses. Nesse período, minha avó buscou uma vaga em uma escola, mas acabei perdendo o ano letivo.

No ano seguinte, fui morar com minha mãe, mas ela estava em outro relacionamento "complicado" e não dava para eu ficar com ela. Então, fui morar com meu pai, que também já estava em outro relacionamento. Fiquei com ele por alguns anos, mas, ao menos, estava frequentando uma escola. Conseguir meu histórico escolar foi uma verdadeira novela, pois eu já tinha frequentado várias escolas e algumas me aprovavam e avançavam de série, mesmo eu não estando alfabetizado. No sistema de ensino dos anos 1980, essa prática era recorrente. Hoje, avaliando, percebo que eu não tinha condições de avançar de série com os conhecimentos que tinha na época.

É evidente como a merenda escolar faz diferença na vida do estudante. Houve uma vez em que a escola ficou sem servir a merenda porque o fornecedor atrasou a entrega dos alimentos, e a professora disse que teríamos que comprar o lanche na cantina. Naquela época, havia uma vendinha dentro da escola, e essa notícia pegou meus colegas e eu de surpresa, pois não tínhamos dinheiro. Na verdade, o principal motivo para ir à escola era o lanche. Apesar do contratempo, a professora trouxe um pacotinho de biscoitos e serviu para aqueles que não tinham condições de comprar o lanche. Naquele dia, ganhei um copo d'água e duas unidades de bolacha cream cracker, que não mataram a fome, mas aliviaram um pouco.

No ano seguinte, fui morar novamente com meu pai e ganhei uma bicicleta velha e grande, mas que cumpria bem seu propósito. A distância da nova

moradia até a escola era de cerca de dez quilômetros. No segundo dia em que percorri essa distância, dois rapazes me abordaram e roubaram o único bem material que eu tinha: a bicicleta. Voltei para casa aos prantos, me sentindo culpado pelo ocorrido e, ao mesmo tempo, refletindo sobre o porquê de minha vida ser tão difícil. Eu vivia como um nômade, uma hora aqui, outra ali, sem perspectiva e com o sentimento de rejeição por onde passava. A perda da bicicleta não foi um caso isolado, mas uma consequência da falta de atenção e proteção a uma criança que viveu em uma época em que não existiam o Estatuto da Criança e do Adolescente e o Conselho Tutelar. Penso que já se falava em políticas públicas educacionais e de proteção à criança e ao adolescente, mas, na prática, pouco se fazia.

Aos dez anos, resolvi morar com minha mãe, pois recebi a notícia de que ela estava passando fome junto com meus cinco irmãos, frutos de outros relacionamentos. Ao chegar, logo fiz novas amizades com alguns garotos que estavam em condições semelhantes às minhas. A escola já não era prioridade, pois tínhamos que lutar pela sobrevivência. Então, ao ver alguns adolescentes saindo de casa com uma caixa de engraxate nas costas, decidi que faria o mesmo. Fui a uma feira perto de onde morávamos e recolhi algumas madeiras para fazer uma caixa. No entanto, eu não tinha material suficiente nem habilidade para construir a caixa de engraxate, mas a força de vontade era grande. Assim, tive minha primeira atividade remunerada quando um feirante me viu recolhendo pedaços de madeira e perguntou o motivo. Contei a minha situação, e ele fez uma proposta: "Você vai trabalhar um dia aqui na feira vendendo melancia, e então terá o dinheiro para comprar sua caixa e os materiais para engraxar sapatos."

Com meus equipamentos de trabalho em mãos, eu pegava o ônibus todos os dias e descia na Asa Sul, onde caminhava até a Asa Norte, sempre em busca de clientes e atento aos perigos das ruas, como assaltos, drogas, assédio e outros tipos de violência. Lembro-me de um "cheira-cola" — expressão usada para se referir a usuários de drogas — que me chamou e pediu que eu fosse ao supermercado roubar um solvente chamado aguarrás. Obviamente, saí correndo e nunca mais encontrei aquele sujeito.

Nas superquadras de Brasília, havia feirinhas onde, ao final do dia, muitos alimentos que não eram vendidos pelos feirantes iam parar no lixo. Eu era um menino precavido e tinha o hábito de levar duas sacolas de plástico dentro da caixa de engraxate para recolher as frutas e verduras descartadas nos contêineres. Esses alimentos eram aproveitados para alimentar minha família.

O trabalho informal e os desafios na adolescência

Na adolescência, meu pai decidiu que eu deveria morar com ele novamente. Disse que queria me ensinar sua profissão de pintor e também que eu voltasse a estudar. Assim teve início minha segunda atividade remunerada. No entanto, nem sempre ele me pagava, pois, o dinheiro que recebia não era suficiente para suprir as necessidades básicas. Não me adaptei muito bem ao novo ofício, já que meu pai só me colocava para lixar paredes e portões. Foi então que percebi que não tinha vocação para a profissão. Ainda assim, sentia certo alívio por não ter mais a responsabilidade financeira com minha mãe e irmãos. Contudo, em outros momentos, sentia muita angústia e sofrimento ao lembrar da realidade enfrentada por eles.

Eis que surge uma nova oportunidade! Aos quinze anos, comecei a trabalhar em um mercadinho próximo de casa, onde fui avisado de que minhas obrigações seriam repor os produtos nas prateleiras, limpar os banheiros e entregar as compras dos clientes em uma bicicleta cargueira, tudo isso sem carteira assinada. O proprietário estava começando no ramo e, segundo ele, não tinha condições financeiras para fazer o registro de funcionário e pagar mais impostos. O salário era abaixo do mínimo, mas ao menos eu teria uma renda para ajudar meus familiares.

Um emprego fixo, mesmo em situação de informalidade, traz uma certa segurança financeira. Nesse mesmo período, percebi que precisava voltar a frequentar a escola, então fui matriculado no ensino supletivo fase III, equivalente ao 1º grau, da 5ª à 8ª série. Por causa do trabalho, fui dispensado das aulas de educação física.

Infelizmente, esse contexto da minha infância e adolescência trouxe consequências para a vida adulta. A dificuldade na leitura e na escrita tornou-se um fator preocupante, mas estou sempre buscando superar os desafios. Outro fator relevante é a falta de prática de esportes, já que, conforme mencionado anteriormente, eu precisava trabalhar desde cedo. Uma das consequências disso é o sedentarismo, mas essa realidade pode ser modificada, e estou disposto a trabalhar para mudar essa situação.

O serviço militar, a realocação profissional e a educação continuada

Querido diário, "de repente, dezoito." Essa frase escrevi no meu diário quando completei 18 anos, em 1996. Eu não tinha o hábito de escrever, por isso minhas frases eram curtas, mas, na

época, era moda entre os jovens ter um diário e colar figurinhas que vinham na contracapa dos cadernos escolares. Hoje, aquelas páginas certamente seriam uma autobiografia reveladora. Além de figurinhas, havia imagens de jogadores de futebol, cantores e atores de novelas. As escolhas das imagens e dos registros escritos pareciam refletir, ainda que inconscientemente, conflitos internos e questões identitárias. Segundo Freud (1923), a personalidade humana é composta por três elementos fundamentais — Id, Ego e Superego —, que estão em constante tensão e negociação. Esses registros no diário eram, talvez, manifestações simbólicas das batalhas internas entre os impulsos inconscientes, as demandas da realidade e as normas internalizadas. A juventude, período em que eu vivia, é marcada por essas lutas psicológicas, que buscam conciliar desejos com responsabilidades emergentes.

Nesse período, fui convocado para o serviço militar obrigatório e permaneci por sete anos, durante os quais aprendi valores, disciplina e hierarquia. No primeiro ano no exército, não pude estudar, pois dormia na instituição e os treinamentos eram intensos; em certos períodos, havia treinamentos diurnos e noturnos. Além disso, precisava trabalhar na área administrativa do quartel, onde aprendi os conceitos básicos de uso do computador e de buscas na internet. No ano seguinte, tive a oportunidade de estudar à noite na modalidade de supletivo.

Ainda no exército, senti a necessidade de concluir rapidamente o ensino médio, pois as oportunidades de progressão profissional na instituição exigiam pelo menos o certificado de 2º grau. Concorri ao concurso para cabo do exército, fui aprovado e, conseqüentemente, o salário melhorou. Ganhei confiança e estímulo

para continuar estudando. Iniciei um curso de graduação em Administração em uma instituição privada, mas tive que abandonar o curso no quinto semestre devido à inadimplência, pois não consegui arcar com a dívida; o salário que eu ganhava não era suficiente para minhas responsabilidades familiares.

Após sete anos de serviços prestados ao exército brasileiro, uma nova jornada se iniciou. Fui trabalhar como vendedor em uma empresa atacadista de materiais de alimentos, embalagens e produtos de limpeza. Ao longo do tempo, adquiri conhecimento e habilidades na área comercial. Minha situação tornou-se uma zona de conforto e, por conta disso, não consegui retomar o desejo de concluir a graduação que havia iniciado, tampouco tinha interesse em fazer outro curso. Estava estagnado; os cursos de graduação eram caros, e eu me via sem condições de cursá-los, já que naquele momento estava morando sozinho, pagando aluguel e, embora não tivesse mais tanta responsabilidade familiar, meus irmãos já eram adultos.

A importância de pessoas inspiradoras em nossas vidas

Em uma noite de sábado, resolvi sair para uma balada no parque da cidade e foi quando conheci meu companheiro, Karlos Magno. Meses depois, decidimos oficializar nossa união. O mais especial foi sentir que agora eu tinha alguém para cuidar de mim, já que, até então, eu sempre cuidava de outras pessoas. Ele me orientou e motivou a retomar os estudos, ressaltando a importância do aprendizado e que novas oportunidades surgiriam.

Optei por fazer um curso presencial de tecnologia em Gestão de Recursos Humanos e me destaquei. Fui representante de sala, organizei

seminários e a semana acadêmica. A coordenadora do curso, uma docente muito atenciosa, reconhecendo meu esforço, informou que, assim que eu concluísse a graduação, deveria fazer o curso de Docência no Ensino Superior para dar aulas na própria instituição. Cheguei em casa feliz e compartilhei a novidade com meu companheiro, que me aconselhou a ter calma e não criar tantas expectativas.

No penúltimo semestre, precisei de horas complementares. Foi então que o professor da disciplina de Empreendedorismo indicou alguns sites que ofereciam cursos EaD de curta duração. Apaixonei-me pela modalidade de ensino devido à sua flexibilidade e autonomia, permitindo-me estudar de qualquer lugar. Essa nova experiência me fascinou pelo leque de oportunidades que se abria. Concluí minhas horas complementares e adquiri material de estudo para fundamentar o referencial teórico do meu trabalho de conclusão de curso, que abordava uma temática nova: Compliance, a conformidade às normas. A coordenadora gostou tanto do meu trabalho que ele foi publicado na revista da faculdade.

Na mesma instituição onde me graduei, decidi fazer uma especialização em Psicologia Organizacional, também presencial, e, simultaneamente, iniciei outra graduação em Pedagogia a distância por outra instituição. Em ambos os cursos, tive o privilégio de estudar sobre Vygotsky, Skinner, Piaget, Paulo Freire e outros autores. No semestre seguinte, fui convocado para a matrícula no curso técnico em Logística EaD pelo Instituto Federal de Brasília. Meu companheiro, apreensivo com a sobrecarga de estudos, aconselhou-me a trancar um dos cursos, mas continuei firme.

Por mais que façamos planos e estabeleçamos metas para o futuro, a vida nem sempre segue conforme o previsto. Ao concluir a especialização, enfrentei duas situações adversas: a economia do Brasil passava por uma recessão e uma crise política, o que levou a faculdade na qual eu sonhava trabalhar a fechar alguns cursos. Lá se foi minha oportunidade de ser docente. Além disso, a empresa em que eu trabalhava com vendas decretou falência e fiquei desempregado. A situação seria desesperadora se não fosse pelo fato de que minha graduação e especialização abriram novas portas. Lembrei-me dos conselhos do meu companheiro sobre a importância de continuar estudando.

Decidi que faria um mestrado acadêmico e o primeiro passo foi estudar inglês no Instituto Federal de Brasília – Campus Estrutural. Participei do exame de proficiência TOEFL, o que me impulsionou a seguir em frente. A Universidade de Brasília estava com uma seleção para o mestrado em Metafísica. Fiz minha inscrição, inseri os documentos e enviei o pré-projeto, mas não fui aprovado. Enquanto ainda estudava inglês, aproveitei para solicitar à coordenadora do curso que me permitisse palestrar no instituto sobre processos seletivos, desde a escolha da vaga de emprego até a entrevista. Em troca, eu queria o certificado da instituição como palestrante.

Participei de um processo seletivo da Secretaria de Educação de Goiás para auxiliar de secretaria escolar em Novo Gama. Fui selecionado, trabalhei por seis meses e, em seguida, fui realocado para a área docente, onde ministrei aulas para o ensino fundamental e médio. Outras oportunidades surgiram, e comecei a lecionar em uma organização social, onde dei aulas para cursos técnicos e de

formação continuada, tanto presencialmente quanto a distância.

Enquanto o mestrado não acontecia, segui fazendo outros cursos. Participei do ENEM e iniciei uma graduação em Licenciatura em História pela Universidade Estadual de Goiás – Campus Águas Lindas de Goiás. O tema do meu TCC foi o transtorno do espectro autista e os desafios no processo educativo. Também comecei uma especialização em Formação Pedagógica EaD para Professores da Educação Profissional, pelo Centro Paula Sousa. Meu TCC abordou o uso do seminário em sala de aula como instrumento avaliativo em turmas de educação de jovens e adultos.

Acompanhando comunidades nas redes sociais sobre mestrados, vi uma chamada para um mestrado em Psicologia em uma instituição privada de Brasília. Inscrevi-me como aluno especial, fiz um crédito e desisti no meio do semestre. A mensalidade era quase dois salários mínimos, e a carga de leitura e estudos ultrapassava o tempo disponível, pois eu dava aula em três turnos. Para lidar com a frustração por não conseguir entrar no mestrado, iniciei outra especialização EaD, desta vez em Inovação em Mídias Interativas pela Universidade Federal de Goiás, o que me proporcionou experiências sobre o uso de tecnologias digitais e cibercultura.

Outras oportunidades de trabalho continuaram a surgir. Participei de editais para bolsas em cursos técnicos do Programa Novos Caminhos, ofertados pela Secretaria de Educação do DF, com aulas ministradas pela plataforma Moodle. Outro edital em que fui bolsista foi para tutor EaD no curso de Pedagogia UAB/UNB, nas disciplinas de Educação a Distância e Educação, Tecnologia e Comunicação. Tive diversos momentos de troca, conheci mestres e doutores que

me encorajaram a continuar buscando o tão sonhado mestrado.

Ainda não havia chegado o momento do mestrado, então resolvi fazer outros cursos. Concluí o curso técnico em Secretariado Escolar pela Secretaria de Educação do DF e iniciei uma graduação em Gestão Pública pelo Instituto Federal de Rondônia. Concluí o primeiro, mas precisei desistir do segundo por um bom motivo: fui aprovado no Programa de Pós-Graduação em Educação Profissional e Tecnológica.

Em 2020, fiz a inscrição no PROFEPT, que foi suspenso até 2021 devido à pandemia. Em 2021, o processo seletivo foi retomado com prova de títulos, na qual fiquei classificado no cadastro reserva, ocupando a 14ª posição na ampla concorrência. No mesmo ano, o programa lançou outro edital com nova seleção, e desta vez, fui classificado dentro do número de vagas. No primeiro dia de aula, encontrei uma equipe docente receptiva e que praticava uma educação humanizada, com colegas sempre solícitos e acolhedores. Certamente, fortaleceremos laços de amizade para a vida toda e adquiriremos muitos conhecimentos em uma área pela qual sou apaixonado: a educação.

Considerações finais

A trajetória narrada demonstra como a perseverança, o apoio familiar e as oportunidades educativas podem transformar vidas marcadas por adversidades. O relato evidencia que, embora as dificuldades tenham sido constantes, as conquistas foram fruto de uma determinação inabalável e do desejo de superar as barreiras impostas pelas condições socioeconômicas. Além disso, a influência de figuras inspiradoras e a busca contínua por aprimoramento educacional foram essenciais para o

sucesso. Dessa forma, esta história de vida serve como um testemunho de que, mesmo em contextos de privação, é possível alcançar a realização pessoal e profissional por meio do esforço e da educação.

Referências

ESQUENAZI, J. Uma abordagem cultural da imagem. In: GARDIES, R. **Compreender o cinema e as imagens**. Lisboa: Edições Texto & Grafia, 2006. p. 147-182
FRITZEN, C.; MOREIRA, J. (Orgs.). **Educação e Arte: as linguagens artísticas na formação humana**. 2 a ed. Campinas - SP: Papyrus, 2011.

GARCIA-ROZA, Luiz Alfredo. **Freud e o inconsciente**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2009.

Souza, Jessé (2006). *A invisibilidade da desigualdade brasileira*. [S.l.]: Editora UFMG

SOUZA, Halina. **Reciclagem da Postura da Síndrome do Complexo de Vira-latas**. p. 200-204.

VYGOTSKI, L. S. (2001). **A construção do pensamento e da linguagem** (P. Bezerra, trad.). São Paulo: Martins Fontes.

Recebido em 2024-10-13

Publicado em 2025-06-27